

DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – DEZEMBRO/2022

As exportações baianas atingiram US\$ 13,91 bilhões em 2022, com alta de 40% ante 2021. Esse é o melhor resultado da série histórica do estado, superando o recorde anterior de US\$ 10,94 bilhões de 2011. Em dezembro as vendas externas alcançaram US\$ 1,0 bilhão, com incremento de 30,8% ante igual mês do ano anterior.

Já as importações chegaram a US\$ 11,35 bilhões em 2022, alta de 41% na mesma comparação. Também as compras do estado no exterior registraram recorde anual na série histórica que era de US\$ 9,29 bilhões em 2014. No mês de dezembro, as importações alcançaram US\$ 834 milhões, com queda de 17,6% no comparativo interanual.

O ano foi marcado pela valorização das commodities, provocada principalmente pelo aumento do consumo global após a pior fase da pandemia de covid-19 e pela guerra no leste europeu. Apesar de a balança comercial ter sido impactada pelo encarecimento de itens importados da Rússia e da Argentina, como fertilizantes e trigo, a Bahia beneficiou-se da valorização do petróleo e seus derivados no mercado internacional com o setor liderando as vendas externas do estado depois de quatro anos consecutivos encabeçados pela soja e seus derivados. No ano passado o estado também tirou proveito da safra recorde de grãos quando colheu 11,4 milhões de t. o que também representou o melhor resultado da série histórica.

Esse resultado das exportações baianas no ano foi obtido, mesmo com o declínio mais recente dos preços, principalmente das commodities, devido à desaceleração do crescimento da economia mundial.

www.sei.ba.gov

O maior impacto positivo sobre as exportações decorreu da alta dos volumes embarcados que teve aumento de 25,6%, enquanto que os preços internacionais, mesmo com perda de força, também contribuíram positivamente crescendo em média 11,3%. Do lado das importações, a quantidade comprada subiu 11,4%, já o preço saltou 26,6%.

Essa tendência de queda nos termos de troca se configurou de forma mais consistente no segundo semestre, com a desaceleração da economia mundial, dos gargalos logísticos e de receios em relação à oferta de certos insumos, como petróleo, adubos e fertilizantes, que ainda assim continuaram a desembarcar de forma crescente, mas com preços bem mais altos.

Assim, no desempenho das importações, que superaram em crescimento o das exportações, o preço foi um fator determinante para o aumento do valor em 2022. Além disso, nota-se aumento do valor importado em todas as categorias no ano passado, formadas por bens de capital, intermediários, consumo e combustíveis.

Em relação às exportações, o setor com maior crescimento no ano passado foi o derivados de petróleo com incremento de 213,5%, seguido pela soja e seus derivados com aumento de 40,5%, nos dois casos puxados principalmente pelo aumento no nível do preço.

No acumulado de 2022, as exportações da indústria de transformação, alavancadas pelo refino, cresceram 60,8%. A agropecuária teve avanço de 28,6% e no caso da indústria extrativa, houve queda de 4,5%, relacionado à redução na produção de cobre e derivados, como também da queda acentuada dos preços médios do minério de ferro, fruto da desaceleração mundial, principalmente da China, nosso maior comprador.

Tabela 1 - Balança comercial Brasil Jan./Dezembro - 2021/2022

(Valores em US\$ 1000
FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %
Exportações	280.814.577	334.463.079	19,10
Importações	219.408.049	272.701.734	24,29
Saldo	61.406.528	61.761.345	0,58
Corrente de comércio	500.222.627	607.164.813	21,38

Fonte: ME/Secint/Secex/Sitec, dados coletados em 06/01/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

O mundo está envolvido em uma megacrise que inclui a pandemia de covid-19, a guerra da Rússia na Ucrânia, a inflação alta, os temores de recessão e o aumento dos problemas com dívida nos mercados emergentes e países em desenvolvimento.

A economia global está indefinida e corre o risco de entrar em recessão neste ano. A expectativa segundo o Banco Mundial, é de que a economia global cresça só 1,7% neste ano, uma queda drástica em relação aos 2,9% estimados para 2022. Os dados estão no relatório semestral Global Economic Prospects.

Os riscos sobre que foram alertados há seis meses se materializaram e nosso pior cenário tornou-se hoje nosso cenário-base. A economia mundial está por um fio e pode cair na recessão facilmente se as condições financeiras apertarem.

A economia mundial parece estar em transição rumo a uma era mais complicada, na qual os juros serão mais altos, as tensões geopolíticas, maiores e as incertezas, mais acentuadas, alertam grandes nomes da economia.

A era de juros baixíssimos e de alto crescimento na China está saindo de cena. O crescimento econômico do país em 2022, de 3%, representa a segunda taxa anual

www.sei.ba.gov

mais baixa em pelo menos 40 anos. Medidas de controle da covid e depressão do mercado imobiliário limitaram o desempenho. O FMI prevê expansões não superiores a cerca de 4% até o fim da década.

Essa mudança iminente de uma forte desaceleração no crescimento de longo prazo da China, que por décadas ajudou a impulsionar a economia mundial, alimenta as incertezas.

Embora a economia do país deva se recuperar neste ano com o fim das medidas de controle da pandemia, há dificuldades mais profundas no modelo de crescimento chinês, que depende fortemente de altos gastos em infraestrutura e de um setor imobiliário inchado para impulsionar o Produto Interno Bruto (PIB). Cálculos de economistas mostram que os preços das moradias em cidades chinesas menores, que representam por mais de 60% do PIB do país, já caíram 20%.

É improvável que a desaceleração chinesa diminua a rivalidade em quase todas as frentes entre os EUA e o país comandado pelo Partido Comunista chinês, da indústria de chips de computador até a disputa por influência militar no Oceano Pacífico. Um confronto entre EUA e a China sobre Taiwan, por exemplo, desencadearia choques econômicos que seriam de muitas ordens de magnitude maiores que as da invasão da Ucrânia pela Rússia.

Esses alertas sobre problemas de longo prazo chegam ao momento em que muitos investidores estão um pouco mais otimistas com a capacidade do Federal Reserve (Fed, banco central dos EUA) de controlar a inflação, ainda elevada, sem provocar uma recessão. O fato de a maioria dos analistas não ter previsto que haveria uma inflação persistente como resultado da pandemia gerou muita reflexão e questionamentos das suposições tiradas a partir de simulações econômicas de computador que têm guiado as medidas governamentais há anos.

No Brasil, um dos indicadores da economia com previsões mais dispersas para

www.sei.ba.gov

este ano é a balança comercial. A mediana está em US\$ 60 bilhões. Se a mediana prevalecer, o saldo ficará abaixo do superávit de US\$ 62,3 bilhões do ano passado, que surpreendeu por ter sido obtido em um ambiente conturbado pelo conflito no Leste Europeu, que tumultuou os mercados de combustíveis, commodities agrícolas e fertilizantes, pela política de covid zero da China e pela volatilidade no câmbio. Para exportadores e importadores, pior do que câmbio alto ou baixo são as oscilações.

Se o Brasil perdeu em alguns aspectos, ganhou em outros, especialmente em consequência da estirada dos preços de alguns dos principais produtos da pauta de exportações. Os preços dos produtos exportados, que totalizaram US\$ 334,5 bilhões, subiram em média 13,6% em 2022 enquanto a quantidade aumentou 5,5% em relação a 2021.

A estratégia da China para o enfrentamento da pandemia é outra variável, uma vez que é o principal parceiro comercial do Brasil. A política de covid zero afetou as atividades chinesas e as relações do país com o exterior. Há a expectativa de que o afrouxamento dessa política deve estimular a economia chinesa e impulsionar as exportações brasileiras. Mas isso ainda não está certo. A balança comercial chinesa, já mostrou melhora nas importações em dezembro, que diminuiram menos do que em novembro.

Como já pontuamos, outro ponto de interrogação que dificulta fazer as projeções é o comportamento da economia global, com as políticas monetárias restritivas para controlar a inflação. Os organismos internacionais já reduziram as estimativas para a economia neste ano. Em outubro, o Fundo Monetário Internacional (FMI) lançou a previsão de crescimento global de 2,7% neste ano, abaixo dos 3,3% esperados para 2022. Neste mês, o Banco Mundial cortou a expansão esperada para 2023 de 3% para 1,7%, iniciativa justificada pela elevação da inflação, alta dos juros e prolongamento do conflito no Leste Europeu.

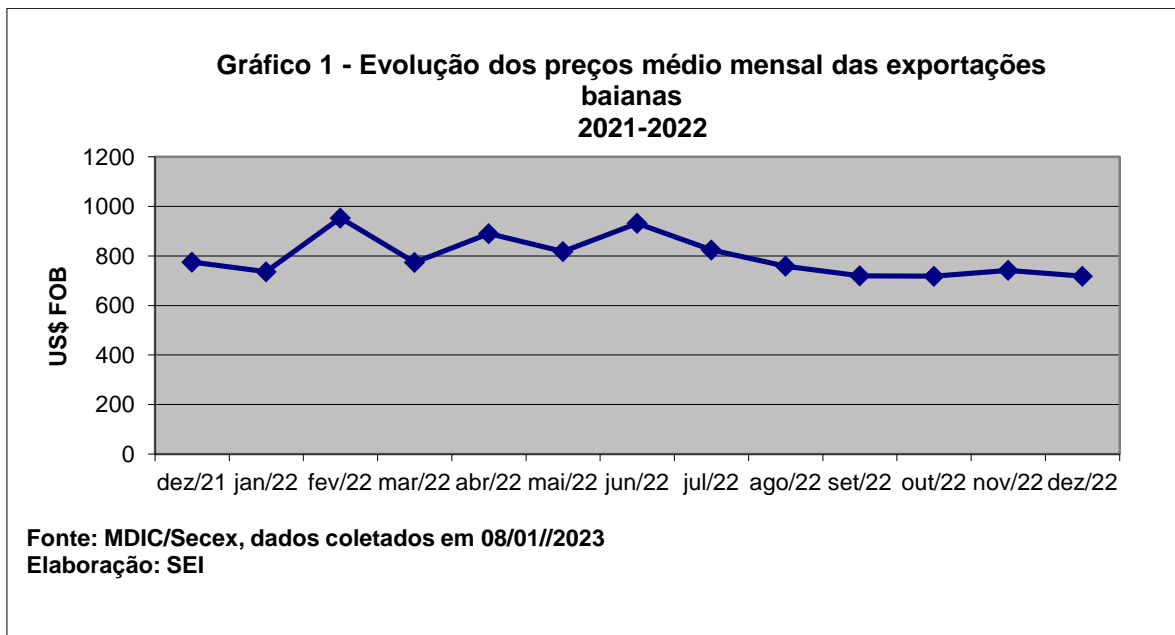
Regiões comprometidas com políticas monetárias restritivas para conter a inflação

www.sei.ba.gov

estão entre importantes parceiros comerciais do Brasil. As exportações para os Estados Unidos, por exemplo, cresceram 20,2% no ano passado e as importações, 30,3%. O comércio com a União Europeia saltou 39,1% na ponta das exportações e 15,7% das importações.

Mesmo quem aposta em um superávit da balança comercial brasileira superior ao registrado em 2022 não espera o aumento dos volumes exportados. Para a Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), alinhada entre os mais otimistas, com expectativa de saldo acima de US\$ 70 bilhões, o superávit maior seria resultado da queda da exportação em percentual menor do que a da importação. O resultado, portanto, não contribuiria, necessariamente, para o aumento da atividade econômica no país.

O FMI respalda agora previsões mais otimistas. Em uma reviravolta, sinalizou no Fórum Econômico Global, em Davos, que a instituição vai elevar suas previsões econômicas para 2023, em meio ao crescente otimismo alimentado pela decisão da China de abandonar sua política de covid-zero e reabrir a segundo maior economia do mundo após três anos de isolamento. Em vez de prever um 2023 “mais difícil”, Gopinath agora espera uma “melhora” na segunda metade do ano e em 2024. Dados positivos apontando moderação da inflação e resiliência da atividade industrial e de serviços da Europa e dos EUA nas últimas semanas aumentaram as esperanças de que a economia mundial deve evitar uma recessão neste ano. O Brasil e o mundo torcem para essa mudança de perspectiva.



Os preços médios de exportação que após três meses de queda, e leve alta em novembro, voltou a recuar em dezembro, tendo registrado queda de 3,2% em média ante novembro e (-7,4%) em relação a dezembro/21. Na medida que a base de comparação se eleva, o que aconteceu a partir do terceiro trimestre de 2022, a queda vai se acentuando.

Custos mais altos e valorização do real frente ao dólar contribuíram para tirar parte da margem de ganho do exportador, agravado pela redução média dos preços já mostrada desde novembro em comparação a igual período do ano passado.

Mas, parte importante do desempenho das exportações baianas em 2022 no comparativo com 2021 é explicada por preços, principalmente a dos setores líderes (derivados de petróleo, soja e químicos), num movimento que na verdade vem desde 2021. Pelos dados calculados, os preços médios de exportação avançaram 11,3% em 2022, após alta de 30,6% em 2021. O volume embarcado também subiu, em taxas ainda maiores em 2022, de 25,6% e queda de 2,7% em 2021. A alta de preços, explica, resultou dos choques a que a economia e também o comércio global ficaram submetidos no período, primeiramente pelos efeitos da pandemia de covid-19 e depois pela guerra entre Rússia e Ucrânia.

www.sei.ba.gov

Ao mesmo tempo, diz, no decorrer de 2022, houve, no mercado doméstico, um início de normalização do consumo das famílias, com um direcionamento maior para serviços do que para bens, num quadro diverso ao que marcou o pico da crise sanitária, em 2021. Para 2023, o que se espera no comércio global é um ajuste de preços médios, com queda em grãos e minérios, itens importantes na exportação baiana, que devem pressionar para baixo o valor embarcado.

O que pode mudar o quadro, diz, é a reação da economia chinesa no decorrer deste ano, com as novas medidas anunciadas, principalmente de flexibilização na política de covid zero, o que poderia contrabalançar um pouco o efeito negativo dos preços. O quadro atual tende a levar a balança comercial do estado para um superávit comercial menor em 2023, mas ainda robusto e acima dos US\$ 2 bilhões.

Apesar do arrefecimento da inflação e da devolução de parte do aumento em alguns preços importantes, as projeções de mercado para a taxa de câmbio nominal, a desaceleração da economia global, o baixo crescimento chinês e os impactos da guerra entre Rússia e Ucrânia nos preços dos combustíveis mostram que o quadro não será revertido no curto prazo. Dificilmente veremos uma melhora na rentabilidade do exportador brasileiro nos próximos meses.

Tabela 2 - Exportações baianas
Principais segmentos
Jan./Dezembro - 2021/2022

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2021	2022			
Petróleo e Derivados	1.228.816	3.851.892	213,46	27,69	40,50
Soja e Derivados	2.434.099	3.420.500	40,52	24,59	25,57
Químicos e Petroquímicos	1.316.829	1.516.306	15,15	10,90	16,98
Papel e Celulose	1.028.041	1.232.379	19,88	8,86	13,10
Algodão e Seus Subprodutos	608.698	708.712	16,43	5,09	20,64
Minerais	747.425	660.532	-11,63	4,75	14,99
Metais Preciosos	539.055	567.750	5,32	4,08	21,32
Metalúrgicos	637.119	528.741	-17,01	3,80	-8,67
Café e Especiarias	189.949	246.324	29,68	1,77	51,36
Cacau e Derivados	224.805	196.374	-12,65	1,41	1,70
Borracha e Suas Obras	155.134	190.497	22,80	1,37	21,39
Frutas e Suas Preparações	208.587	190.323	-8,76	1,37	-1,39
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	227.449	118.562	-47,87	0,85	5,19
Calçados e Suas Partes	61.643	93.139	51,09	0,67	17,00
Sisal e Derivados	81.398	81.336	-0,08	0,58	7,06
Couros e Peles	65.440	60.340	-7,79	0,43	11,57
Carne e Miudezas de Aves	40.524	32.962	-18,66	0,24	5,50
Fumo e Derivados	20.190	19.565	-3,10	0,14	22,01
Demais Segmentos	129.446	194.240	50,06	1,40	-7,50
Total	9.944.648	13.910.474	39,88	100,00	11,33

Fonte: ME/Secint/Secex/Sitec, dados coletados em 06/01/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Como dito, a Bahia beneficiou-se da valorização do petróleo e seus derivados no mercado internacional, o que fez com que o setor assumisse a liderança da pauta de exportações do estado após quatro anos consecutivos encabeçados pela soja e seus derivados. As vendas externas do refino alcançaram US\$ 3,85 bilhões, 213,5% de aumento sobre 2021. O volume embarcado mais que duplicou em relação ao ano passado tendo um incremento de 123,1%.

www.sei.ba.gov

Primeiro ativo de refino da Petrobras a ter a privatização concluída, a antiga Refinaria Landulpho Alves (Rlam), na Bahia, passou a ser operada em dezembro de 2021 pela Acelen, controlada pelo fundo Mubadala, de Abu Dhabi. O primeiro ano foi marcado por investimentos na produção, com a diversificação da linha de produtos. Ao mesmo tempo, a empresa procurou se manter alinhada ao mercado global de combustíveis em um ano marcado pela guerra na Ucrânia, que aumentou a volatilidade do petróleo e derivados.

Dona de 14% da capacidade nacional de refino, a unidade ampliou a gama de produtos oferecidos ao mercado este ano. Passou a entregar solventes especiais e o gás propano, além de se tornar a primeira produtora no Brasil de butano, gás de alta pureza usado em mistura com outros gases para aplicações em diversos produtos, como espumas de barbear, fogareiros, chantilly e instrumentos de cozinha. Atualmente, a média de produção é de 260 mil barris diários chegando.

O Agronegócio fechou 2022 com exportações de US\$ 6,3 bilhões e crescimento de 27% sobre o ano anterior e recorde para o setor. Puxaram o desempenho a alta de 22,1% dos preços das commodities internacionais que a Bahia vende ao exterior, como grãos e celulose, e de 8,6% do volume dos embarques.

As vendas do agronegócio ao exterior têm se mantido acima de US\$ 8 bilhões desde 2020. O estado ultrapassou essa marca pela primeira vez em 2018, quando atingiu US\$ 8,4 bilhões. Em 2019, no entanto, os embarques ficaram em US\$ 7,2 bilhões.

A alta dos preços das commodities - ainda que tenha arrefecido nos últimos meses - sustentou os bons resultados das cadeias em um ano em que alguns segmentos tiveram queda dos volumes. Foi o caso do algodão, café e especiarias, cacau e derivados e frutas. Ainda assim, o volume total das exportações cresceu 8,6%, para 9,75 milhões de toneladas.

Os embarques de soja em grãos, carro-chefe do agronegócio nacional,

www.sei.ba.gov.br     /seibahia

www.sei.ba.gov

garantiram esse crescimento no quantum com elevação de 12%, para 5,84 milhões de toneladas. A receita, no entanto, subiu mais devido a valorização dos preços, em 40,5%, para US\$ 3,42 bilhões. A guerra na Ucrânia sustentou os preços e o apetite mundial tanto pelo grão como para seus derivados (o bagaço e a farinha).

As fortes oscilações foram a principal marca do comportamento das commodities agrícolas em 2022, ano em que os preços ficaram sob a influência de elementos como a guerra na Ucrânia, problemas climáticos e o temor com a possibilidade de recessão no mundo. Para 2023, analistas afirmam que a possível retração da economia global deve manter as cotações agrícolas sob pressão, especialmente no caso das chamadas “soft commodities”, negociadas na bolsa de Nova York, mais sensíveis a choques de demanda.

O setor químico/petroquímico manteve o melhor desempenho dentre os produtos manufaturados (excetuando o refino) com vendas de US\$ 1,52 bilhão, 15,2% do ano anterior. A forte alta dos preços internacionais dos produtos químicos impulsionou as receitas da indústria química baiana em 2022, já que o volume embarcado registrou retração de 1,6%. A variação positiva dos preços médios do setor em relação a 2021 oscilou positivamente em 17%.

Foram registrado crescimento em valor para os principais parceiros comerciais da Bahia em 2022, como China (18,5%), principal mercado com 24% de participação; União Europeia (50,8%); Singapura (97,4%) e Argentina (53,2%). A exceção foi os EUA, que acusaram redução de 7,6%.

Singapura permanece na segunda posição como maior importador de produtos do estado, devido ao crescimento vertiginoso nas exportações de petróleo e derivados no período, que representaram 99% das vendas ao país asiático. O país respondeu por 15% das exportações baianas no período, desbancando os Estados Unidos de segundo maior destino para as exportações estaduais, que teve uma redução de 4,4% em suas compras de produtos baianos.

www.sei.ba.gov

IMPORTAÇÃO

As importações totais do estado somaram US\$ 11,35 bilhões em 2022, com crescimento de 41% em relação ao ano passado, e também recorde histórico, batendo o valor de 2014 de US\$ 9,3 bilhões o maior alcançado pelas compras estaduais até então.

Houve aumento de 17% nas compras de bens intermediários, e participação de 62,2%; na categoria de combustíveis, houve avanço de 175,3% e nos bens de capital, um crescimento tímido de apenas 0,5%. No setor de bens de consumo houve queda de 13,4%.

Esse aumento expressivo nas importações de combustíveis foi devido ao aumento das cotações, principalmente após a guerra no leste europeu tanto por conta das compras inéditas de óleos brutos de petróleo no valor de US\$ 1,52 bilhão, de GNL – Gás natural liquefeito, necessário para o suprimento de usinas térmicas no primeiro semestre, como pelo incremento de 25,2%, nas compras de Nafta para a Petroquímica, de 100% nas de gasolina e de 112% nas de querosene.

O desempenho registrado pelas importações baianas, em 2022, em relação ao ano passado, deveu-se tanto pelo aumento do *quantum*, que registrou alta de 11,4%, como também pelos preços, em escala ainda maior: 26,6%. O aumento na cotação internacional do barril de petróleo, ocorrida com maior intensidade no primeiro semestre, na esteira do conflito entre a Ucrânia e a Rússia, as interrupções na cadeia de suprimentos, os remanescentes casos de covid-19 e a escassez de navios e o consequente aumento do frete marítimo, entre outros aspectos, contribuíram para o aumento dos preços médios em diversos setores.

Neste ano, houve grande influência no aumento das importações, de bens da indústria química, excluídos os farmacêuticos, com a forte compra externa de fertilizantes. Há nisso uma questão estrutural, porque o estado tem despontando

www.sei.ba.gov

como forte produtor agrícola e dependente da importação desses insumos. Mas houve também a questão preço, que também afetou a importação de derivados de petróleo, sob os efeitos do conflito entre Rússia e Ucrânia.

As compras externas no ano, permanecem puxadas pelos bens intermediários (incluindo a nafta), com participação de 62,1% do total das compras do estado no ano passado, seguido pelos combustíveis com 31,8% e incremento recorde de 175,3%, tanto pelo cenário externo quanto pela ocorrência de parada para manutenção e interrupções no segmento de refino capitaneado pela Acelen, além dos fertilizantes com incremento de 129,7% todos quando comparados a igual período do ano passado.

Dentre os bens intermediários, que lideram as importações estaduais no ano, com US\$ 7,1 bilhões, o crescimento alcançou 17% com destaque destacam-se para os fertilizantes, nafta, trigo, minério de cobre, células fotovoltaicas montadas em módulos ou em painéis e máquinas, partes, peças e equipamentos.

Os bens de capital, que consistem em máquinas e equipamentos para investimentos em ampliação ou implantação de unidades produtivas, tiveram crescimento modesto de apenas 0,5% no ano, demonstrando o momento de instabilidade e de pouca atratividade para investimentos no país.

Por fim, os principais fornecedores de bens para a Bahia em 2022 foram os EUA com crescimento de 42% e participação de 33,3%; União Europeia, China e Angola (esse último devido às compras de petróleo cru feitas pela Acelen), que diversificou bastante seus fornecedores em 2022.

O nível de importação no ano passado mostra que os desembarques devem acomodar-se em níveis mais elevados que o esperado, em função da política de produção e preços da Acelen, bem como da expansão da produção agrícola que exige maior quantidade no consumo de fertilizantes que continua em alta no mercado internacional.

Apesar do ritmo de crescimento das importações estarem acima do das exportações no ano, os riscos para as perspectivas estão predominantemente inclinados para o lado negativo, já que se prevê uma desaceleração no crescimento tanto da economia mundial como da brasileira, o que leva às empresas a reduzirem seu ritmo de compras e de produção.

No ano passado, o saldo comercial do estado atingiu US\$ 2,56 bilhões, 35,1% maior que em 2021. Por sua vez, a corrente de comércio, soma de exportações e importações e considerado o principal indicador da dinâmica do comércio exterior, alcançou US\$ 25,26 bilhões, alta de 40,4% no comparativo interanual e também o maior valor da série histórica.

**Tabela 3 - Importações baianas por categorias de uso
Jan./Dezembro - 2021/2022**

(Valores em US\$ 1000
FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	6.039.178	7.057.558	16,86	62,15
Combustíveis e Lubrificantes	1.310.475	3.607.250	175,26	31,77
Bens de Capital (BK)	483.427	485.803	0,49	4,28
Bens de Consumo (BC)	220.461	190.817	-13,45	1,68
Bens não especificados anteriormente	4.352	13.472	209,55	0,12
Total	8.053.546	11.354.900	40,99	100,00

Fonte: ME/SecintSecex/Sitec, dados coletados em 06/01/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.